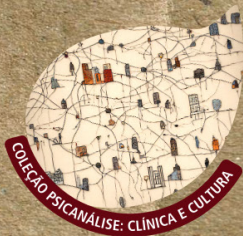


PSICANÁLISE & TECNOLOGIAS sociais

Organizadoras

Andrea Gabriela Ferrari
Cláudia Perrone
Simone Moschen

Volume 1



Copyright © Editora CirKula LTDA, 2023.

1º edição - 2023 - Volume 1

REVISÃO: Mauro Meirelles e Gustavo Duarte

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS, NORMATIZAÇÃO E EDIÇÃO:
Mauro Meirelles

DIAGRAMAÇÃO: Luciana Hoppe

CAPA: Luciana Hoppe

Imagem da Capa: Luisa Roos

TIRAGEM: 125 exemplares

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO -CIP

P974 Psicanálise e tecnologias sociais / organizadoras Andrea Gabriela Ferrari, Cláudia Perrone, Simone Moschen. – 1.ed. – Porto Alegre: CirKula, 2023.
218 p. : il. – (Coleção Psicanálise: Clínica e Cultura)

ISBN: 978-85-7150-048-8

1. Psicanálise – Tecnologia social. 2. Escuta psicanalítica. 3. Saúde mental – Políticas públicas. 4. Educação infantil. 5. Psicanálise – Pesquisa. 6. Cuidado da criança. I. Ferrari, Andrea Gabriela. II. Perrone, Cláudia. III. Moschen, Simone. IV. Série.

CDU: 159.964.2

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Todos os direitos reservados à Editora CirKula LTDA.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Editora CirKula

Av. Osvaldo Aranha, 522 - Bomfim

Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190

e-mail: editora@circula.com.br

Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

Este livro foi submetido à revisão por pares, conforme exigem as regras do Qualis Livros da CAPES.

Capítulo 7

Tecnocentrismo, uma figuração da paixão pelo autômato

Roberto Henrique Amorim de Medeiros

Introdução

A Antropologia Britânica do Século XIX produziu um daqueles exemplos de teorias equivocadas que, por prestarem bons serviços à ideologia dominante, como sustentação científica após a revolução burguesa, passaram a gozar do *status* de verdadeiros paradigmas para muitas produções subsequentes das Ciências Sociais e Humanas. A ideia do Evolucionismo Social de Edward Tyler (1832-1917) certamente foi bem acolhida e amplamente divulgada como um grande achado, possivelmente por ampliar o potencial das descobertas do biólogo Charles Darwin (1809-1882).

Embora fosse fortuito para as sociedades brancas europeias do ocidente pensarem-se como produtores de homens e de cultura superiores, o que justificaria, ontem, suas violências coloniais em territórios abaixo da Linha do Equador e, hoje, a superexploração capitalista do trabalho alheio, seria decisivo perceber que as leis descobertas por Darwin e que sustentam a verdade da teoria a respeito do evolucionismo só valem no campo da Biologia e não dos estudos sobre a Sociedade. Um problema ontológico elementar: a transposição direta de leis que regem as determinações de um tipo de ser do objeto de investigação (bioló-

gico) compromete fatalmente as conclusões ou postulados acerca de um objeto distinto em sua forma de ser (social).

Além disso, o que se popularizou como premissa segundo a qual só o ser mais forte evolui e preserva-se (lei do mais forte), nunca foi enunciada por Darwin. O biólogo britânico dizia tal coisa do ser que melhor se *adapta* e não que vence uma luta mortal contra o outro. Apenas esses dois argumentos já seriam suficientes para notar que o Etnocentrismo europeu, sustentado pelo Evolucionismo Social de um Tyler, construiu-se sobre um falseamento científico e apenas sobreviveu, sem a crítica devida, para justificar as piores atrocidades que vivenciamos aqui nas colônias nos últimos 500 anos: da Escravização ao Neoliberalismo, embora a metrópole tenha experimentado o rebote, e não gostado, do Nazifascismo.

Da mesma estirpe europeia, dessa vez da cepa de Economistas Políticos Liberais, Historiadores e Sociólogos, advém a noção falsa de que a produção tecnológica que hoje temos à disposição só tenha sido possível graças ao modo de produção capitalista. Esta é uma noção implantada no senso comum dessa sociedade, hoje globalizada. Noção da qual não se desconfia por parecer óbvia. Porém, um rápido lapso de reflexão também poderia levar à conclusão de que o Capitalismo se consolidou como modo de produção viável apenas quando substituiu a força motriz de cavalos e seres humanos pela máquina à vapor, cujo protótipo datava dos últimos anos do Século XVII. Em seguida, a invenção dos teares à vapor aumentaram exponencialmente a produção de tecidos, o que ocorreu na fase da industrialização do Capitalismo, no Século XIX!

O termo ‘tecnologia’ pode significar coisas muito diferentes no campo científico. Contudo, gostaria de partir da acepção popular – como fizemos anteriormente com as

concepções evolutivas – para verificarmos as possibilidades concretas de ampliarmos o alcance social do uso do termo tecnologia. Penso que não há como discordar que, quando da escuta da palavra tecnologia, a imagem e o conceito produzido na cabeça do ouvinte se parecerá mais com um *iphone* (um dispositivo tecnológico multimídia) do que com a teoria foucaultiana das tecnologias e suas relações com a teoria dos dispositivos. Soa igualmente estranha aos ouvidos vulgares a verdade de que a tecnologia que mais salva vidas, em qualquer país injusto do ponto de vista da redistribuição da riqueza produzida pelos seus trabalhadores, é o soro caseiro e não a tomografia computadorizada, pois é estranho que o soro caseiro seja uma tecnologia do campo da Saúde²².

Canguilhem (2012) nos auxilia a perceber uma nuance muito precisa e que permite diferenciar Técnica de Tecnologia ao elucidar os papéis de cada uma no agenciamento com os seres humanos. A Técnica não é uma produção originária da Ciência. Interessante imaginar certos desconcertos que algumas afirmações óbvias podem produzir em nossas representações sociais. A Técnica adveio das dificuldades que a natureza impõe aos seres humanos, na medida em que estes buscam dominá-la ao invés de integrarem-se a ela. Ao argumentar sobre a questão da Técnica, Canguilhem (2012) lembra que os termos *engenho* e *engenhoso* trazem uma dupla acepção: de *máquina* por um lado, mas de *estratagema*, por outro. A atividade técnica deriva primariamente da prática artesanal, enquanto a Tecnologia é possibilitada pelo desenvolvimento do que constituímos como discurso da Ciência.

22 Mehry (2005) divide em tecnologias leves (relações de cuidado: escuta, acolhimento), leve-duras (saberes estruturados: a fisiologia, a própria psicanálise) e duras (recursos materiais: as máquinas de tomografia, ressonância, cintilografia) as tecnologias de cuidado e tratamento em saúde.

A Técnica costuma advir do saber prático individual ou coletivo, construído historicamente, da experiência de repetição sem método para contornar uma dificuldade material, da necessidade de solução de problemas concretos em uma relação social humana. Uma astúcia da razão, diria a parte idealista de Hegel. A Tecnologia é o desenvolvimento fino do método e dos achados científicos, da pesquisa de ponta e de suas produções especializadas ou vulgares, nem sempre condizentes com a solução de problemas e a satisfação de necessidades fundamentais da vida em dado momento histórico.

A Técnica tem valor de uso. A Tecnologia, nem sempre. No meio de tantos exemplos de produção de objetos tecnológicos que se desvinculam da solução de problemas reais do ser humano e de sua vida em sociedade, Triska e Mano (2018) apontaram para uma nuance menos evidente dessa dissociação. Ao interpretarem o papel da Tecnologia já existente em nosso tempo e os agenciamentos com indivíduos e grupo sociais, os autores diagnosticam um ideal puramente maquínico no desejo de sua produção e de seu consumo. É possível operar com a Tecnologia para substituir a fantasia, a fabulação, a memória afetiva, enfim, a construção narrativa, por intermédio da imagem (fotos ou vídeos) que valem por si, esvaziando o registro simbólico da experiência. Mas, por que seres humanos se encontrariam siderados pelo *gadget* tecnológico mesmo que ele se revele desprezável, *nonsense* ou que exija práticas que lhe subvertem (ser objeto da Tecnologia) ou lhe excedam em sua condição humana (conexão ininterrupta ou exigência constante de atenção dispersa)?

Hoje a Tecnologia tem um lugar central em nossas vidas. Porém, é possível entender a sedução da Tecnologia e seus usos desvinculando-os da Sociedade Capitalista e suas

produções de ideologia, discurso e formas de vida (além de incontáveis *gadgets* tecnológicos)?

Não se encaminha uma resposta honesta a esta pergunta abstraído-se a Produção Tecnológica e a Tecnologia da relação social vigente e sua dialética com as forças produtivas de seu tempo. Quem nos lê não terá dificuldade de acolher o argumento de que o uso e a produção familiar de um tear (para fiação) no período feudal tem características muito diferentes do uso do mesmo tear em uma manufatura no modo de produção capitalista. Para a reprodução social que garante sua existência, coletivos humanos organizaram-se de modos muito distintos no decorrer da história. Contudo, mesmo suas escolhas individuais, seus desejos subjetivos e exercícios de seu livre-arbítrio são, no mínimo, condicionados por um conjunto de relações que independem de sua vontade: a correspondência entre forças produtivas e relações de produção em sua época. É uma forma de entender o que nos diz Lacan sobre a rede simbólica significante em que somos mergulhados mesmo antes de nascer. O Outro pré-existe a nós. O desejo é o desejo do Outro.

O que determinaria o papel e o sentido da Tecnologia, sua condição de possibilidade e os tipos de usos de seus produtos, como sugere a pesquisa de Marx (MACHADO, 2022), é a correspondência em cada fase histórica das relações de produção (forma) e das forças produtivas (conteúdo). A relação de produção configura a forma pela qual os indivíduos se apropriam da natureza ou as suas relações de propriedade. As forças produtivas, por sua vez, não se explicam apenas sob o modo de articulação entre pessoas, materiais e técnicas, mas pelo modo como os produtos do trabalho, os indivíduos que trabalham e o próprio processo do trabalho correspondem à relação de produção em que os indivíduos estão desde já

inseridos. Ninguém pode escolher, a cada dia, se vai se relacionar com a sociedade de um modo diferente do capitalista. Fatalmente precisará fazê-lo por meio da forma ‘mercadoria’, vendendo-a, nem que seja apenas sua força de trabalho, e consumindo-a, para que possa sobreviver.

Porém, na sociedade capitalista os *produtos* (possuidores de algum valor de uso) não se definem de outro modo que não seja pela forma ‘mercadoria’ (esta, determinada pelo seu valor de troca); os *trabalhadores* passam a se definir como *trocadores* (de sua força de trabalho como ‘mercadoria’ e não como aptidão e capacidade técnica para o trabalho) e o *processo de trabalho* organiza-se prioritariamente de modo a criar valor de troca na forma ‘mercadoria’ e não apenas valor de uso para a solução de problemas e necessidades humanas.

Assim se responde com mais propriedade a pergunta lançada há pouco. Um tear que produza apenas um objeto que tenha valor de uso não tem função na sociedade capitalista, é preciso que ele seja integrado numa articulação de forças produtivas e relações de produção que derive valores de troca. O mesmo produto tecnológico conhecido como tear ocupará propósitos e usos diferentes conforme a relação social de produção em que se insere. É nesse sentido que, em outro campo que não o da produção de mercadorias, podemos entender como as tecnologias de cuidado de si (FOUCAULT, 2010) tenham hoje propósitos opostos aos da Antiguidade Greco-Romana, em que as práticas da *epiméleia heautoû* dos gregos – ou da *cura sui*, no latim – ambas voltadas à preparação para a relação de cuidado com o outro, na sociedade capitalista vai servir à *empresa de si mesmo* para competir com o outro.

Para tal competição no mercado (de trabalho), cada vez mais demandante de horas trabalhadas, eficiências, dimi-

nuição de fatores humanos que gerem erros, interconectividade entre grupos de trabalho *online* que não descansam, parece ser preciso de um corpo potencializado, aditivado, readaptado. Porém, não é de hoje que o ser humano conta com objetos, próteses, fármacos, que podem aumentar a sua capacidade perdida ou necessária para a solução de algum problema prático de sua existência e reprodução. No campo da Óptica, temos os óculos que prolongam a capacidade de enxergar como o aumento da expectativa média de vida média demandou, ou o microscópio que permitiu o estudo de vírus e bactérias que causavam uma morte prematura ou evitável, antes de sua possibilidade de visualização.

Muitas são nossas “muletas”. Cada vez mais as demandas para dar conta do que se acredita ser as reais necessidades de trabalho para o desenvolvimento da humanidade (do ponto de vista ideológico e macropolítico) ou das reais necessidades de sobrevivência num sistema social hostil e injusto (do ponto de vista real e micropolítico). Pergunta-se: é nosso desejo que produz o ideal maquínico para o corpo humano, para dar conta das determinações da relação social capitalista? É, certamente. Contudo, nosso desejo é o desejo deste Outro. Aqui, dialética é precisa.

Desde o início do Século XX começamos a produzir em larga escala muitas obras culturais que envolviam autômatos e suas relações problemáticas com a chamada humanidade. As figurações dos autômatos no cinema, por exemplo, vão desde um elemento intruso em nosso meio, passando a domesticado, mas que depois assume uma posição insurgente contra a humanidade e que, paulatinamente, mostra-se mais humano do que nós, até chegar a ser representado como objeto do amor e da sexualidade humana (MANO, 2018).

É dos autômatos que esperamos produtividade, docilidade, adaptação e funcionalidade. Hoje, sequer surpreende a ideia de que é do ser humano, na dimensão do trabalho, que se esperam características semelhantes. O autômato é o objeto que parece ocupar o lugar vazio de causa do desejo no contemporâneo. No início de nossas investigações com a ideia da *Paixão pelo Autômato* como um recorte de um *pathos* contemporâneo (MEDEIROS, MANO e WEINMANN, 2015), dizíamos que estávamos acostumados a aceitar que a Biologia, as Neurociências e o Cognitivismo nos trouxeram muitos avanços. No entanto, a contrapartida foi o esvaziamento da experiência e a aproximação do ideal do ser humano ao autômato. Nos perguntávamos, em que medida a ação do discurso científico sobre as práticas coletivas, ao procurar excluir o erro, produziu o autômato como ideal? Era uma pergunta inicial, ainda descontextualizada de sua articulação com a relação social em que o problema se inseria. Contudo, não deixou de nos levar a outro campo problemático interessante: será a admiração pelo autômato redenção ou desesperança com o que é da ordem do humano?

A resposta estamos procurando recentemente. Não parece gratuito o surgimento do termo *pós-humanismo* na cultura científica atual. Usado pela primeira vez por Hassan (2020), no final dos anos de 1970, procura descrever uma inflexão do Antropocentrismo Iluminista com decorrências multidisciplinares nos campos da Crítica, da Cultura e da Filosofia, onde se problematizam possibilidades de mutações e diversificações do que se entendia por humano. É comum encontrarmos os termos pós-humanismo e trans-humanismo sendo usados de forma sinônima, embora este último, mais recente, se diferencie do primeiro por voltar-se às possibilidades de aprimoramento de capacidades corporais e intelectuais humanas, além dos seus limites vigentes.

Novamente, é interessante imaginar desconcertos que a obviedade nos causa quando nos apercebemos que há muitas décadas já circula entre nós milhares de corpos *ciborgues* e que o *biohacking*²³ seja uma realidade que faz com que muitas das propostas de episódios da série *Black Mirror*²⁴ passem longe de constituírem uma ficção distópica.

Nosso interesse investigativo recente, orientado pelas possibilidades que a *Paixão pelo Autômato* (PpA) como estudo do *pathos* no capitalismo tardio tem se voltado ao discurso do *Transhumanismo* (TH). É nele que a acepção mais corriqueira de tecnologia opera em articulação ao corpo humano. Naquilo que pudemos aprender até o momento, são os debates do pós-humanismo (PH) que parecem produzir alguma crítica a respeito da superação ou mutação do conceito de ser humano, na medida que problematizam o Antropocentrismo. No TH²⁵, como o sufixo *trans* indica, apenas busca-se a consecução do que ainda está além do humano e não se estabelece quase nenhuma objeção à presença humana no mundo, as consequências de sua relação com a natureza, ao modo de acesso a essa tecnologia que potencializaria capacidades (se haverá direitos iguais ou se o mercado irá regular), entre outros.

No TH a tecnologia tem papel determinante e o corpo humano é o limite a ser superado. Como já mencionado, há séculos inventamos próteses ou utilizamos variados tipos de artefatos que nos auxiliam a manter o aumentar funções corporais. Inclusive para alterar estados de consciência. Por que não fazer uso de microchips, internet 5G ou redes neurais para facilitar o

23 Técnica que usa tanto a tecnologia quanto a biologia para elevar o desempenho corporal de seres humanos. Literalmente, trata-se de *hackear* o corpo.

24 Série inglesa pretensamente do gênero científico e distópico que discute a mudança das relações humanas via tecnologias.

25 A Declaração Transhumanista de 1998, traduzido ao português, pode ser acessada neste link: <https://universoracionalista.org/declaracao-transhumanista/>

fluxo e utilização de dados e aumentar capacidades intelectuais e físicas do corpo humano? Nossa pesquisa não permite ainda oferecer uma síntese mais completa sobre todas as nuances do TH, mas gostaríamos de compartilhar a percepção sobre um novo tipo de inquietação que nossa cultura contemporânea parece estar manifestando com as questões do corpo humano.

Se na ponta das pesquisas com a Inteligência Artificial (IA) a barreira a ser suplantada é a simulação robótica de empatia e de afeto – neste caso, humano – a imagem objetivo do TH parece ser algo da ordem do super-humano: a imortalidade. Talvez seja nada muito impossível de atingir se limitarmos expectativas de imortalidade à nossa consciência. Talvez, o corpo humano é um problema que pode ser resolvido se estivermos dispostos a descartá-lo da equação que nos leva à imortalidade. Pensando bem, prescindir do corpo – que cansa, que sente fome, que necessita reposição de nutrientes, de satisfação de apetites, de práticas exaustivas de embelezamento, que se infecta, que adoce, e que demanda valiosas horas perdidas com o sono – não seria muito bem-vindo para que pudéssemos realizar tudo o que nos cabe atualmente num dia comum de nossas vidas?

O corpo traz muitos impasses. Žižek (2018) debate uma proposta pós-humanista segundo a qual a maioria dos impasses humanos poderiam ser apaziguados pelo apagamento da sexualidade. Ora, a virtualidade se institui como território privilegiado cada vez maior para o estabelecimento de relações humanas e mesmo experiências sexuais em ausência do corpo: uma experiência existencial sem corporalidade ou a descorporalização da experiência²⁶. A sociedade

26 Para uma reflexão sobre isso sugere-se episódio 1 da 5ª temporada de Black Mirror, série citada anteriormente, intitulado Striking Vipers.

do cansaço teria, assim, seu termo? O princípio do prazer, como legalidade que rege a dimensão psíquica, finalmente poderá ser respeitado sem rodeios pulsionais?

Surpreende a atualidade da proposta de Haraway (2009) acerca do autômato que – ao simbolizar a confusão das fronteiras binomiais, seja do gênero em si, ou da relação entre o que é humano e o que é máquina – pode ser apropriada criticamente para a fundação de uma nova política da existência humana. A política das identidades de gênero pede espaço para o não binário, mas também para o assexual/agênero.

Nunca esqueçamos que, mesmo tendo estabelecido a pedra fundamental da condução da razão para o conhecimento seguro e metódico acerca das verdades da vida, Descartes afirmara: é mais fácil conhecer o espírito do que o corpo que, com seus apetites e paixões, nos engana. E a moralidade cristã, que atrasou em alguns séculos o desenvolvimento das bases metafísicas – a Ontologia, a Epistemologia, sequestrando a Teologia – para o entendimento do mundo, consolidou a divisão entre mente e corpo e toda ideologia que divide os seres racionais (europeus) dos que se entregam às paixões da carne (os ameríndios).

O termo humano vem da terra (húmus), porém o assim chamado ser humano (bem entendido, aqui: o homem branco colonizador), idealisticamente faz de tudo para desvincular-se dela. Eis a crítica de um pensador indígena como Krenak (2019) cuja experiência existencial é de comunhão do corpo com a terra.

Desde o Ensino Fundamental aprendemos uma ontologia: existem seres animados e inanimados. Os seres animados, são os seres orgânicos, cuja diferença limite com os inorgânicos é o fato de que se reproduzem. No entanto, ainda existe um terceiro tipo de ser, o ser social, cuja característica

é ter experiências mediadas pela linguagem, pelo simbólico. O estudo da ontologia se faz necessário para nos lembrar que, em nossas pesquisas científicas, não é possível tomar a descoberta das leis que regem um fenômeno de um tipo de ser e aplicá-las impunemente a outros, como comentávamos no início deste texto. No entanto, no caso do ser humano, temos um objeto que é orgânico e social ao mesmo tempo, o que, com certeza, para seu entendimento, traz muitos 'impasses'. A gradual substituição de tecidos e fisiologia orgânicos por polímeros e circuitos digitais tecnológicos, adicionados a uma consciência imortal, resolveria esses impasses ontológicos ao atenuar aos poucos os efeitos subjetivos de possuímos um corpo orgânico, limitado para a exigência de produtividade e de trabalho psíquico constante, como sabemos pela categoria psicanalítica das pulsões, segundo Freud.

O início de nossas investigações, que deram origem ao termo PpA, partiu da seguinte pergunta: o que se acolhe na clínica do sofrimento subjetivo, seja psíquico, social ou físico, seriam autômatos? Ou seriam aqueles que não conseguiram sê-lo (MEDEIROS, MATOS e WEINMANN, 2015)? O automatismo em suas várias formas parece constituir um ideal contemporâneo e o próprio autômato (tecnológico) causa do desejo. São incontáveis quantos problemas a produção teórica a partir da PpA, acerca do *pathos* contemporâneo, remete à Psicanálise como tecnologia leve-dura da Saúde. Para os que decretam semanalmente o fim da descoberta freudiana, parece que terão que aguardar mais um pouco, pois uma ciência morre quando nenhuma pergunta mais lhe é pertinente.

Ao não se propor ao terapêutico, cujo resultado comum é fatalmente a adaptação do sujeito ao sistema social que lhe faz adoecer, a análise tem potencial de tecnologia inovadora no

campo da Saúde. No entanto, a teoria de Freud é sexual, inclui o corpo e sua ontologia. Em suas pesquisas acerca do sintoma histérico, Freud não descarta o que há de sexual no problema da histeria. Afinal, o ser psicossocial histérico também é um ser orgânico. Se as estruturas neuróticas, psicóticas ou perversas não se constituem abstraídas do fato de que o neurótico, o psicótico e o perverso possuem um corpo, Freud não teria chegado tão longe. Caso descartasse, de modo moralista e ideológico, a condição de que o sujeito precisa se haver com sua tendência à reprodução, visto que se trata também de um ser orgânico além de ser social mediado pela linguagem e de tudo que ela cria como instituições e relações dialéticas, seus achados perderiam a potência. É daí que Lacan situa a primazia do significante e a condição (humana) de satisfação pulsional por um objeto não totalizante chamado *mais de gozar*. Há corpo e há linguagem, heterogeneidade que faz com que o objeto da Psicanálise – sempre bom lembrar: as produções do inconsciente – seja contraditório e mal compreendido, se tomado pelo que aparenta significar.

Contudo, trazendo a questão ao nosso atual interesse, como seria a Psicanálise onde só haja mediação simbólica e não mais o corpo? Haveria mediação simbólica e constituição psíquica sem corpo? Como operaria a ‘linguagem de máquina’ num mundo transumano?

É verdade que, desde 2013 quando começamos a refletir sobre o *pathos* maquínico da Modernidade numa ação de extensão universitária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul²⁷, temos afirmado que os ‘bots’ de hoje são de ‘carne e

27 A *Paixão pelo Autômato* iniciou como um ciclo de cinema e debates, aberto à comunidade, no qual o cinema de ficção científica servia de disparador de questões da vida cotidiana, como o amor, a educação/formação, a clínica, a subjetividade, o desejo, entre outros. Até o momento, tal projeto de extensão universitária

osso’. Muito embora nossos princípios liberais – há 3 séculos sendo inoculados por todos os órgãos dos sentidos como verdadeiros algoritmos que nos enredam em sub-rotinas ideológicas – nos patrocinem um certo delírio de autonomia. Assim, julgamos ser nós mesmos a fonte original e pura de pensamentos e posicionamentos. Porém, há uma automatia generalizada. Ela pode ser lida em muitas dimensões de nossas produções sociais e culturais. Restringindo essa questão ao que se entende por Clínica, cuja racionalidade médica já domesticou o senso comum, percebemos que suas premissas científicas não possuem verbos no passado, no futuro e nem flexões. Os protocolos que orientam a boa clínica no campo médico são estruturados por orações afirmativas e condicionais, limitadas à lógica binária, constituindo “orações sem sujeito”, advindas das evidências científicas. Ao excluírem ‘o erro humano’ e, com ele, o sujeito do sofrimento, resta catalogar o que chamam restritamente de patológico (leia-se: aquilo que se situa fora da curva normal; um critério estatístico e não clínico) e servi-lo à exploração pelo mercado, neste caso, farmacológico²⁸.

Não menos eloquente a respeito da PpA é a percepção que a clínica de nosso tempo esteja envolvida com o protesto subjetivo da depressão, a busca fracassada de adequação ao ideal de si da bipolaridade e a recusa de viver do autismo – três modos de responder a uma falta de representação fundamental no discurso que parece impor ao sujeito uma existência funcional de alto desempenho reiterativo, de respostas corretas

tem ocorrido trianualmente sob formatos variados sob coordenação deste autor. 28 Em julho de 2022 foi publicado um amplo estudo de revisão científica (MONCRIEFF *et Al.*, 2022), que comprova a baixa evidência de efeito antidepressivo em fármacos que atuam na receptação de serotonina. O estudo teve ampla divulgação na mídia. Acessar matéria em: <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/noticia/2022/08/depressao-estudo-mostra-que-antidepressivos-funcionam-apenas-para-15percent-dos-pacientes-em-larga-escala-entenda.ghtml>

e automáticas, de objetividade sem passado ou fantasia. Características que novamente cairiam bem a um autômato.

Considerações finais

Há muito o que pesquisar do campo psicanalítico, que é o freudiano, para que esta Ciência e Prática Clínica mantenha características determinantes de sua potência e relevância imprescindíveis ao cuidado das misérias psíquicas do ser orgânico e social que somos: a lembrança de que se trata de uma teoria sexual, na qual o corpo está presente, e que se configura ao mesmo tempo como subversão e como leitora atenta e crítica da cultura que se faz no processo histórico. Para este estudo é preciso deixar que a materialidade dos fatos que se engendram há mais de um século, a partir da Revolução Industrial e do estabelecimento da complexa Sociedade Capitalista tão bem descrita por Marx, lancem problemas à Psicanálise. Caso ela tenha mais o que dizer do que escutar, o que já seria paradoxal para uma análise, apenas figurará muito bem nas esferas da produção e da circulação de mercadorias te(cn)ológicas²⁹ a serem consumidas antes que suas rápidas obsolescências se manifestem (MEDEIROS, 2021).

Para o filósofo esloveno Samo Tomšič (2015), o inconsciente não é um espaço de pensamento neutro ou transcendente: seus mecanismos e o modo de gozo correspondente dependem da mesma estrutura em que se assenta o modo social de produção em uma sociedade capitalista. Que analisantes tenham modificado sua posição enunciativa e produção sintomática desde Freud é algo esperado e

29 Impossível não lembrar dos novíssimos produtos daqueles que fazem mercado com a Psicanálise: a universidade que dá curso para formar Psicanalistas e a Psicanálise Bíblica.

reflexo da indissociabilidade de nosso ser social e orgânico. Talvez o que seja preocupante é que o tenham feito em direção à vontade manifesta de adaptação ao discurso do mestre capitalista de nosso tempo, cada vez mais demandante de subjetividades e corporalidades autômatas e transumanas. Tiranos de si mesmos (LA BOÉTIE, 2017), parecem nem perceber que contradizem o próprio idealismo emancipatório liberal. Ao invés disso, a aposta no ‘desejo emancipatório’ coletivo (GROS, 2018), inscrito na ética da Psicanálise conduzirá nossos caminhos investigativos do Pós-humanismo, do Transhumanismo, do “não humano” e sua imbricação com a ideologia capitalista que, ao exceder-se como modo de produção, tem constituído a linguagem que estrutura ou desestrutura o inconsciente.

Por que ao senso comum ‘tecnocêntrico’ a Psicanálise talvez não seja entendida como uma tecnologia? Tecnologia sugere ruptura, inovação. Entretanto, como advertimos no início, a tecnologia precisa ser estudada e entendida dentro da relação social em que se situa. Capturada pelo capitalismo, por um lado precisa necessariamente estar a serviço da produção de formas mercadorias. Por outro, mais ideológico, precisa fazê-lo de modo que a ruptura e a inovação apenas tenham efeito discursivo. E que mantenha as coisas como são.

Ademais, inovação mesmo veríamos se a tecnologia contribuísse para auxiliar o ser humano a inventar novas formas sociais, políticas, culturais e novas possibilidades de enunciação individual e coletiva. Como uma Psicanálise que não esteriliza seu objeto, articulado ao orgânico e ao social, corre o risco de fazer.

Referências

CANGUILHEM, G. **O conhecimento da vida**. São Paulo: Forense, 2012.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GROS, F. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Pp. 33-118.

HASSAN, I. Prometheus as Performer: Toward a Posthumanist Culture? **The Georgia Review**, n. 31, v. 4, pp. 830-850, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LA BOÉTIE, E. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: Edipro, 2017.

MACHADO, G. **Marx e a história: das particularidades nacionais à universalidade da revolução socialista**. São Paulo: Sundermann, 2022.

MANO, G. C. M. **Psicanálise, cinema e cultura pop: os mitos no contemporâneo**. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

MEDEIROS, R. H. A.; MANO, G. C. M.; WEINMANN, A. O. A paixão pelo autômato: a clínica para o cuidado em saúde no templo da tecnologia. **Physis**, v. 1, n. 25, pp. 251-263, 2015.

MEDEIROS, R. H. A. Capitanalistas. **Correio da APPOA**, Porto Alegre, n. 296, 2021. Disponível em: <https://apoa.org.br/correio/edicao/293/8203capitanalistas/775>.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. 2a ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

MONCRIEFF, J.; COOPER, R.; STOCKMANN, T.; ALMENDOLA, S.; HENGARTNER, M.; HOROWITZ, M. The serotonin theory of depression: a systematic umbrella. **Molecular Psychiatry**, pp. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41380-022-01661-0>.

TOMŠIČ, S. **The Capitalist Unconscious Marx and Lacan**. New York: Ed. Verso, 2015.

TRISKA, V. H. C.; MANO, G. C. M. Ficção e memória na clínica psicanalítica contemporânea: uma leitura a partir de Black Mirror. **Revista Subjetividades**, v. 18, n. 2, pp. 36-44, 2018.

ŽIŽEK, S. **No sex please, we're post-human!** 2018. Disponível em: <https://www.lacan.com/nosex.htm>.